

IX Seminário de Pesquisas FESPSP – “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Aplicadas”.

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT 10 - Economia de Plataforma, Reformas Trabalhistas Mundo do trabalho e Juventudes.

Movimentos black, Hip-Hop e funk: Comparações entre as relações entre o lazer e o trabalho na periferia paulistana.

Felipe de Souza Pinto¹

Universidade Federal de São Paulo

Resumo: o artigo discute uma estratégia juvenil periférica, entre 1970 e 2018, para resolver a necessidade do trabalho e ao desejo por lazer. Toma como objetos: o baile black Chic Show; a posse de Hip-Hop Conceitos de Rua; e o baile Eclipse Party. O objetivo é: comparar a estratégia considerando seus contextos sociais, situações econômicas e conteúdos culturais. Para isso serão usados três autores: Felix, Silva e Pinto. Assim, será possível responder: quais são as semelhanças e dessemelhanças da estratégia no tempo? E o que tudo isso diz acerca dos jovens, de seus contextos sociais, situações econômicas e conteúdos culturais?

Palavras-chave: juventude, trabalho, periferia, lazer, experiência urbana

Introdução:

No presente artigo discuto uma resposta juvenil à necessidade do trabalho e ao desejo por lazer. A análise está circunscrita: temporalmente, entre 1970 e 2020; espacialmente, na capital paulista; e na população juvenil periférica. Toma como seus objetos: a equipe de baile black Chic Show; a posse de Hip-Hop Conceitos de Rua; e a equipe de baile funk Eclipse Party. A escolha justifica-se pelo fato de os três objetos estarem inseridos em três fenômenos culturais importantes da juventude da periferia. Conseqüentemente, são importantes na Ciências Sociais para o exame das vivências dessa população no tempo. Eles têm em comum a sua origem e usufruto: quase exclusivamente juvenil. E visam: resolver a falta de espaços de lazer destinados aos jovens e suprir financeiramente ou aumentar o rendimento de seus realizadores. Por

¹ Doutorando em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Escola de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (PPGCS/EFLCH-UNIFESP).

E-mail para contato: felipedesouzapinto@gmail.com

O texto apresentado tem o título modificado em relação ao da apresentação no IX Seminário FESPSP – “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Aplicadas”, sendo ele: Comparações entre respostas juvenis às demandas do trabalho e do lazer na periferia paulistana desde 1970 até a atualidade.

IX Seminário de Pesquisas FESPSP – “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Aplicadas”.

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT 10 - Economia de Plataforma, Reformas Trabalhistas Mundo do trabalho e Juventudes.

tais razões, denomino essa resposta, constituída na relação entre o lazer e o trabalho, de iniciativa juvenil, de estratégia.

O meu objetivo é: comparar a estratégia considerando os contextos sociais, as situações econômicas e conteúdos culturais dos objetos. Para tal intento usarei a bibliografia de três autores: a dissertação de mestrado de João Batista de Jesus Félix (2000); a tese de doutorado de José Carlos Gomes da Silva (1998); e a minha própria dissertação de mestrado (PINTO, 2000). E isso porque, cada pesquisador versou os seus estudos sobre os objetos supracitados.

A estrutura do artigo é a seguinte: primeiro, discorrei a respeito dos conceitos sobre os quais construo meus argumentos; seguidamente, apresentarei cada um dos objetos por ordem cronológica; por fim, compararei as especificidades da estratégia a partir dos objetos e dos seus contextos sociais, situações econômicas e conteúdos culturais. Nessa última seção, as perguntas que quero responder são: quais são as semelhanças e dessemelhanças da estratégia no tempo? E o que tudo isso diz acerca dos jovens, de seus contextos sociais, situações econômicas e conteúdos culturais?

1. Os principais conceitos utilizados:

Nesta seção apresentarei os principais conceitos articulados no artigo para alcançar seus objetivos: juventude, trabalho, periferia, lazer, contexto social, conteúdo cultural e situação econômica. Aqui os meus objetivos são: evidenciar o corpo teórico no qual minha argumentação está estruturada; construir a próxima seção sem a necessidade de recorrer às discussões conceituais; e permitir aos leitores a crítica.

A juventude é aqui compreendida como uma “etapa da vida que se situa entre a proteção socialmente exigida para a infância e a emancipação esperada para a vida adulta” (NOVAES, 2006, p.119). Levando em consideração as teorizações de Philippe Ariés (1978, p.11), sua origem remonta ao processo de substituição da escola como um meio de aprendizagem em lugar da família. Por consequência, a reunião de grupos de idade separados permitiu o surgimento de sociações lúdicas (SIMMEL, 2006, p.64) independentes. Os grupos, conforme pontua Simmel (2006, p.62-63), decorrem da

IX Seminário de Pesquisas FESPSP – “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Aplicadas”.

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT 10 - Economia de Plataforma, Reformas Trabalhistas Mundo do trabalho e Juventudes.

união de sujeitos visando realizar os seus diversos interesses. Entretanto, continua a argumentação do autor, o desejo de estarem sociados acompanha os interesses dos sujeitos, levando a forma de sociação lúdica que, às vezes, invoca os seus conteúdos (SIMMEL, 2006, p.64).

Complementarmente, os teóricos da Escola de Birmingham, pertencentes ao Centro de Estudos Culturais Contemporâneos, consideram fatores importantes para o destaque da juventude como fase qualitativamente distinta das demais: a industrialização; o hiato social refletido nas crianças nascidas durante a Segunda Guerra Mundial; o aumento do consumo após o conflito, o advento dos meios de comunicação de massa; e o surgimento e disseminação de diferentes estilos de vida propiciados pelo último (CLARKE, HALL, JEFFERSON & ROBERTS, 1998, p.18 apud PEREIRA, 2007, p.03). Não é assim sem razão, como fazem Silva (1998), Félix (2000) e Pinto (2018), tomar o interesse como ponto focal de análise do artigo.

Os interesses têm múltiplas origens, podendo ser eles, motivados por situações econômicas, contextos sociais e em seus atravessamentos. A situação econômica é, aqui, compreendida como a capacidade de: cobrir despesas fixas e variáveis; gastar em bens e serviços não essenciais; poupar dinheiro para o futuro; e a de empregar dinheiro na melhoria das condições de vida no presente e no futuro. Além disso, diz respeito a quantidade de bens móveis e imóveis que a família ou indivíduo possui. Para os jovens de famílias de baixa renda, a venda da força de trabalho a terceiros é uma necessidade e um desejo para: aumentar a receita familiar e/ou vivenciar essa etapa da vida (PEREIRA, 2007, p.04; DAYRELL, 2007, p.1109). Levando-a mais próxima do mínimo necessário para cobrir as despesas básicas e/ou para além dele, permitindo: o investimento no futuro, através da educação paga; gastar com bens e serviços não essenciais; e realizar interesses próprios da idade (PAIS, 2006, p.10-17).

O contexto social é a localização dos sujeitos na estrutura da sociedade (TURNER, 2013, p.155) que é construída na relação entre: situação econômica, origem, gênero, raça e/ou etnia, identidade, educação e na forma como a sociedade observa todos esses marcadores sociais da diferença (MOUTINHO, 2014, p.205).

IX Seminário de Pesquisas FESPSP – “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Aplicadas”.

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT 10 - Economia de Plataforma, Reformas Trabalhistas Mundo do trabalho e Juventudes.

Os conteúdos culturais são pontos de vista e conceitos de experiência-próxima que os sujeitos, em seus grupos, compartilham (GEERTZ, 2014, p.64), cujas as bases estão: em suas origens, religiões, ideologias políticas, fase da vida e etc. Eles fazem parte dos marcadores sociais da diferença e podem ser expressos através de: idiomas; linguagens específicas; estilos de vida; vestuários; penteados; predileção por algum esporte; gostos musicais e etc.

O tempo do lazer é a esfera da vida propícia para tipos de engajamento pessoal como esse. Ele é compreendido como um período anistiado de qualquer obrigação: individual, familiar; social, cultural, político e religioso (TURNER, 2015, p.48). Nele, os sujeitos estão livres para: “*recuperar e desfrutar dos ritmos naturais e biológicos*”; “*participar ou mesmo para gerar mundos simbólicos de entretenimento, esporte, jogos, diversões de toda espécie*”; “*transcender as limitações sociais estruturais*”; e “*brincar... com ideias, fantasias, palavras [...], tinta [...], e relações sociais com amigos, em treinamentos de sensibilidade, psicodramas e outras*” (TURNER, 2015, p.49). E, embora exista toda essa liberdade, as práticas de lazer, “*cujo fim, primeiramente, é a satisfação do ser por si mesmo*” (DUMAZEDIER, 2008, p.44), a situação econômica, o contexto social e os conteúdos culturais influenciam as escolhas dos indivíduos.

Periferia é um recorte socioespacial derivado da forma como a urbanização foi realizada na capital paulista entre 1940 e 1980 (HOLSTON, 2013, p.244). Em um primeiro momento, a urbanização dirigida pelo estado estruturou as regiões centrais, construiu grandes avenidas e investiu no transporte a diesel para manter as populações pobres afastadas, evitando a desvalorização das primeiras, pressionadas pela densidade populacional (ROLNIK, 2017, p.33). Nessas periferias desenvolvia-se, em contraponto a direção estatal, através da autoconstrução guiada pelos próprios moradores (HOLSTON, 2013, p.220) e quase sem legislação que a amparasse (CALDEIRA, 2000, p.220). No período citado no parágrafo anterior, os trabalhadores das regiões marginais percorriam diariamente as grandes distâncias que separavam de seus empregos (CALDEIRA, 2000, p.227).

Entretanto, conforme o tempo passou, uma combinação de processos políticos, econômicos e sociais mudou esse padrão. A associação entre crescimento e decréscimo populacional, aumento da ocupação territorial, forma de ocupação,

aumento do poder aquisitivo de parte das classes pobres e o aumento da taxa de urbanização (CALDEIRA, 2000, p.231-241) deixou o espaço mais complexo. A riqueza continuou concentrada no centro (CALDEIRA, 2000, p.241), mas as populações das camadas médias e altas ocuparam outras regiões, muitas vezes bem próximas de territórios muito pobres, e suas casas foram substituídas por condomínios de prédios e casarões fortificados (CALDEIRA, 2000, p.247). Esse novo padrão não substituiu a distância como marcador de segregação, só a tornou mais heterogênea, o muro passou também a fazer esse papel (CALDEIRA, 2000, p.241).

A heterogeneidade, já no novo século, acentuou-se. A antiga oposição deu lugar a um território matizado (NERY et.al., 2019, p.08) no qual seis condições de desigualdade se destacam: o rendimento e a alfabetização dos(as) chefes de famílias; as características habitacionais e o número de habitantes; o saneamento básico; e as taxas de homicídios ocorridos na região de moradia (NERY et.al, 2019, p.30). E o novo padrão urbano impacta, associado as ideias constituídas no tempo e à diversidade cultural, nas formas como a cidade é ocupada e complexifica ainda mais.

2. Bailes black, Posses de Hip-Hop e Bailes Funk:

Nesta seção dedico-me a descrever os três objetos examinados: a equipe de Baile Chic Show, a Posses Conceitos de Rua e a equipe de Baile Eclipse Party. Essa segue quatro diretrizes principais: origem espacial e temporal; atores envolvidos em no surgimento; público-alvo; lugar de ocorrência; e as suas principais características. A ordem de apresentação é cronológica, obedecendo o período de origem, seguindo a indicação acima. O meu objetivo, aqui, é apresentar três exemplos dos fenômenos culturais que são: o baile black, o Hip-Hop e o funk. O que permitirá uma compará-los concretamente: situações econômicas, contextos sociais e conteúdos culturais. E, não menos importante, possibilitará a nossa compreensão de como os jovens os articulam as três esferas para: solucionar a falta de espaços de lazer e suprir ou aumentar a renda dos seus realizadores.

A Chic Show surgiu como uma equipe de som criada por Luiz Alberto da Silva, o Luizão, em 1968. A ideia de cria-la veio quando Luizão passou a não dar conta dos

IX Seminário de Pesquisas FESPSP – “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Aplicadas”.

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT 10 - Economia de Plataforma, Reformas Trabalhistas Mundo do trabalho e Juventudes.

convites para animar festas e bailes da região oeste da capital e no município de Taboão da Serra. A qualidade de sua aparelhagem de som e da biblioteca de discos chamava a atenção dos interessados em animar aniversários, casamentos e festinhas particulares aos fins de semana, no tempo desocupado do trabalho. Percebendo nessa situação uma oportunidade, Luizão buscou tornar a sua atividade amadora em profissional. Organizou um grupo de pessoas e passou a produzir os seus próprios bailes, levando: primeiro no quintal de um amigo de Luizão na Vila Madalena; em seguida, foi transferido para a Cooperativa do Capão, Pinheiros. Em 1971 e 1972, os bailes passaram a ser organizados no Salão São Paulo Chic, pertencente a Escola de Samba Camisa Verde e Branca, sempre aos domingos, como era o costume. E, até 1975, foram levados para outros espaços da cidade: Mansão Azul, em Jabaquara, Clube Homs e Clube Alepo, ambos no Jardins, e Guilherme Jorge, na Vila Carrão (FÉLIX, 2000, p.45-46).

O ano de 1975 foi decisivo para a equipe Chic Show. Os seus organizadores decidiram alugar o salão de festas da Sociedade Esportiva Palmeiras. A proposta de aluguel foi aceita, porém só se manteria se o baile conseguisse um público mínimo de 10 mil pessoas. O evento conseguiu atrair 16 mil pessoas com o show de Jorge Ben, resultado que levou a Sociedade Esportiva Palmeiras a assinar um contrato de aluguel de um ano com a Equipe Chic Show, garantindo pelo menos um baile ao mês. E os shows de artistas estrangeiros também faziam parte do calendário bimestralmente, passando pela programação: James Brown, Glória Gaynor, Earth, Wind & Fire e Jimmy Bo Horne, todos nos anos de 1970.

Na década seguinte, 1980, as dificuldades trazidas pela organização dos bailes na Sociedade Esportiva Palmeiras fizeram com que: as atividades se tornassem cada vez mais espaçadas e seu espraiamento para outras regiões da cidade, entre elas, a periferia. Em 1981, entretanto, a estabilidade dos negócios possibilitou a compra de uma sede própria para a Equipe Chic Show. O lugar escolhido foi uma antiga oficina, próxima ao salão da Escola de Samba Camisa Verde e Branco, no bairro da Barra Funda, inaugurado após uma reforma em 1982, com o nome Clube da Cidade. Até o ano de 1988, quando fechou para uma nova reforma cuja arquitetura se mantém, os bailes passam a acontecer as sextas, sábados e domingos (FÉLIX, 2000, p.46).

IX Seminário de Pesquisas FESPSP – “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Aplicadas”.

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT 10 - Economia de Plataforma, Reformas Trabalhistas Mundo do trabalho e Juventudes.

A Chic Show consolidou-se como uma empresa dos ramos artístico e do lazer nos anos seguintes. Tendo oferecido e ofertando uma série de bens e serviços até o ano 2000: álbuns musicais, programas de rádio (SILVA, 1998, p.74), casas noturnas e festas em salões dentro e fora da cidade (FÉLIX, 2000, p.46). Não discorrerei além desse período, pois os interesses da análise repousam na formação e características da equipe e dos bailes black endereçados à juventude da época.

Não encontrei grandes descrições científicas detalhadas acerca dos primeiros bailes da Chic Show. Por essa razão, a apresentação da organização dos eventos e seus acontecimentos será realizada a partir da costura de falas retiradas de produtos audiovisuais e etnográficos.

Os bailes da Chic Show, conforme colocado anteriormente, eram produzidos por uma equipe de som. Uma equipe de som pode ser definida como: um coletivo de indivíduos entorno do interesse por aparelhagens sonoras e estilos musicais definidos. O coletivo era responsável por: alugar salões; estruturar os ambientes em espaços para os espetáculos de DJs (Disc-Jóqueis) e dos(as) cantores(as), para os partícipes dançarem e circularem, e para o comércio de comidas e bebidas; divulgar cada atividade e vender ingressos; organizar a programação; cuidar dos limites físicos, controlando entradas e saídas; e controlar os limites temporais, início e término.

O que levava a juventude negra e pobre aos bailes era o interesse pela black music norte-americana e a música negra nacional de 1960 e 1970. Entorno das quais, associada a identificações étnicorraciais, erigiam-se modos de ser, estar, e estéticas próprias dentro e fora das atividades (SILVA, 1998, p.71). Nas últimas, o imaginário transparecia: nos trajes, sempre muito bem alinhados, tanto o dos rapazes quanto os das moças (PINTO, 2018, p.23); e no conhecimento das regras que presidiam os usufrutos do espaço e do acontecimento em si. O baile era um espetáculo de múltiplas facetas, ora o protagonismo estava com os discotecários e artistas, ora estava com os frequentadores e ora aparecia repartido entre todos (MAGNANI, 2003, p.34).

A posse Conceitos de Rua surgiu, em 1991, por iniciativa de sete jovens moradores distrito Capão Redondo: Carlos, DJ Dri, Lino Criz, Dinho, Jonatas, Val e Edvaldo (SILVA, 1998, p.165). Em princípio, eles reuniam-se informalmente para

compartilhar experiências de lazer por meio do esporte e da música (SILVA, 1998, p.165; FÉLIX, 2005, p.112). Os encontros aconteciam durante os finais de semana, especificamente, aos domingos na quadra de esportes da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Levy de Azevedo Sodré, no distrito acima citado (SILVA, 1998, p.165). Para acessá-la, inicialmente, os jovens pulavam o muro da instituição e, durante quase todo o dia, os rapazes jogavam basquete e ouviam as músicas do Hip-Hop norte-americano em grandes aparelhos de som à pilha, além de conversarem sobre política, futebol e lazer (SILVA, 1998, p.166; FÉLIX, p.113). Entre as questões dos últimos estava o que havia ocorrido nos bailes por eles frequentados, justamente, os realizados pela Chic Show (FÉLIX, p.113).

Nos bailes, no final dos anos de 1980, os jovens resolveram criar um grupo de dança para se apresentarem e até fizeram uniformes para isso. Entretanto, foram as experiências na Praça Roosevelt, participando de encontros de rapping (MACEDO, 2016, p.28), as responsáveis por fazê-los associar os interesses de lazer à realidade periférica (FÉLIX, 2005, p.113). A perspectiva que relacionava tudo isso era a própria vivência juvenil compartilhada: marcada pela precariedade, preconceito e a violência policial (SILVA, 1998, p.136). Sendo, justamente, essa parte da população a que eles queriam atingir com as suas propostas e ações de melhoria das condições de vida. E é nesse sentido que podemos definir as posses como: “*associações locais de grupos jovens que têm como objetivo reelaborar a realidade conflitiva nos termos do lazer e da cultura*” (SILVA, 1998, p.162).

A primeira iniciativa da Conceitos de Rua foi apresentar-se publicamente, no dia 13 de junho de 1991, com um evento de rua que contou com os grupos Racionais MC’s e DMN (FÉLIX, 2005, p.114). Na escola, já com a aprovação da diretora “Dona” Agnelina, eles passaram a ofertar: oficinas de discotecagem; aulas de break; palestras sobre as histórias do soul, funk e rap; e espaço para os rappers que quisessem se apresentar (SILVA, 1998, p.167).

As decisões sobre quais ações seriam realizadas ocorriam em reuniões aos domingos, junto as disputas de basquete embaladas pelo rap, e todo esse encontro as vezes estendia-se até as dez horas da noite. Aos poucos, outros coletivos, os grupos de rap, agremiavam-se à posse e os debates políticos entravam nos debates.

IX Seminário de Pesquisas FESPSP – “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Aplicadas”.

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT 10 - Economia de Plataforma, Reformas Trabalhistas Mundo do trabalho e Juventudes.

As Intervenções, através de lutas para reforma da quadra da escola, atividades para o combate à violência, campanhas de doação de agasalhos e denúncias contra grupos de extermínio, tráfico de drogas e falta de investimento estatal, afirmaram na comunidade local o papel da posse como uma mediadora de conflitos. E a associação com outras posses e projetos, entre 1991 e 1992, ampliou seu limite de atuação para os distritos vizinhos: Jardim Ângela e Jardim São Luís (SILVA, 1998, p.166; FÉLIX, 2005, p.114).

Nesse último ano a posse reunia mais de cem pessoas, pertencentes a mais de vinte grupos de rap, e as suas ações políticas e culturais estavam intensificadas: as produções musicais integravam um selo próprio; oficinas de pintura de camisetas, silk screem, ajudavam a alimentar as atividades em prol da comunidade; e as atividades propostas despertavam cada vez mais o interesse juvenil (SILVA, 1998, p.166-168). E, ainda, com a abertura de um espaço reservado ao Hip-Hop na rádio comunitária Transa Black, a posse ficou encarregada do programa Pode Crê que ia ao ar durante as tardes de sábado de 1992. Sendo interrompido por causa assassinato de Rogério, vítima da violência local que os jovens tanto temiam e lutavam para acabar, o que implicou também no fechamento da rádio, pois ele era o responsável por ela (SILVA, 1998, p.168; FÉLIX, 2005, p.115).

Nos anos seguintes, entre 1993 e 1994, alguns integrantes originais passaram a ficar insatisfeitos com os rumos tomados pela posse. Para eles, a dimensão política, ligada também às questões étnicorraciais, estava suplantando os objetivos iniciais da posse, demandando mais tempo que as práticas voltadas para as artes. Essa situação levou à uma reorganização das prioridades, com a constituição de uma biblioteca de discos, pautada pela black music, permitindo ao DJ Dri desenvolver o seu trabalho de como produtor de bases para os rappers locais, com baixo custo para ambas as partes (SILVA, 1998, p.169). O retorno arrefeceu seu ritmo de ação e a quantidade de grupos de rap e proponentes iniciais envolvidos. Entretanto, em 1998, a sua influência podia ser observada no aumento dos números de posses na região e no lugar especial que obtido dentro dos movimentos do Hip-Hop.

IX Seminário de Pesquisas FESPSP – “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Aplicadas”.

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT 10 - Economia de Plataforma, Reformas Trabalhistas Mundo do trabalho e Juventudes.

Esse ano é interessante porque, associado as duas últimas questões, a tese de doutorado de Silva (1998), deu a posse uma maior projeção. Órgãos de imprensa, instituições e associações internacionais a convidou para suas atividades: em 2001, Fórum Mundial da Juventude, realizado pela Organização das Nações Unidas (ONU); 2004, encontro internacional promovido pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP) e o Centro Cultural São Paulo (CCSP); e, de 2001 até 2004, Semana da Cultura Hip-Hop, da Organização Não-Governamental (ONG) Ação Educativa, de São Paulo. Todavia, nessa altura, o nome da Conceitos de Rua era levado para os lugares apenas pela voz de um de seus fundadores. Isso porque, os outros integrantes precisavam dispor de seu tempo para procurar emprego, garantindo a sobrevivência, deles e de suas famílias (FÉLIX, 2005, p.118). Atualmente, as sementes plantadas, durante todo esse período, fizeram nascer muitos grupos de rap existentes, nas associações de bairro e saraus literários (Cf. Silva, 2012). E, encerrando essa explicação, podemos ver descrito abaixo como funcionam as atividades produzidas pelas posses:

Neste domingo, dia 17, será realizado em Santo André, o evento ‘Periferia a Favor da Paz’. Trata-se da primeira atividade do movimento ‘Favela Contra a Violência’, organizado pela Associação Beneficente do Jardim Santo André (ABJASA) e por grupos de jovens daquela comunidade (União R.C.R.) em parceria com a Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU) do Governo do Estado.

Durante todo o dia, das 8 às 17 horas, no Parque Ana Brandão, em Santo André, serão desenvolvidas gincanas e brincadeiras para crianças, apresentações de grupos de capoeira, samba, rap e grafiteiros do Jardim Santo André e adjacências, além de participações especiais de grupos de rap já consagrados. (PORTAL DO GOVERNO, 2000)

Pouco menos de uma década depois, desenvolvia-se na mesma região outras práticas de lazer. No período de 2012 e 2016, observei nas cinco escolas nas quais lecionei, o crescimento vertiginoso de entretenimentos coletivos baseado os ideais e propostas do funk brasileiro. Não falo a respeito dos pancadões, isto é, dos bailes ao ar livre em vias públicas e animados pela aparelhagem sonora automotiva. Essas são práticas desenvolvidas por moradores jovens trabalhadores e donos de carro, estando em outra etapa da vida juvenil, posterior a dos estudantes do Ensino Médio. E esses reuniam-se nas chamadas equipes: coletivos juvenis buscando ter rendimentos e se divertir através do oferecimento de bailes funk.

IX Seminário de Pesquisas FESPSP – “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Aplicadas”.

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT 10 - Economia de Plataforma, Reformas Trabalhistas Mundo do trabalho e Juventudes.

Acompanhei uma dessas equipes durante minha pesquisa de mestrado entre 2016 e 2018 (PINTO, 2018). Ela era formada por oito jovens, quatro rapazes e quatro moças, entre eles alguns ex-alunos meus. A Eclipse Party surgiu, em 2015, junto com outros grupos que, em 2013, produziam festas para celebrar os momentos marcantes do calendário discente (PINTO, 2018, p.45-47). Especialmente, a gincana escolar, criada pela direção escolar para desenvolver relações positivas entre os alunos. Na escola na qual eu trabalhava em 2013, as turmas eram repartidas em quatro equipes, mistas em relação as séries, identificadas pelas cores verde, amarela, azul e vermelha. No período do certame, os alunos se reuniam fora do horário de aula para dar conta das tarefas propostas, eles as entregavam quando chegavam na escola, as equipes organizavam-se em filas, ora em pé e ora sentados, disputavam provas e faziam gritos de guerra quando permitido. A gincana era elaborada na relação entre o lazer e a ordem, seguindo os objetivos da direção escolar: desenvolver laços positivos entre os discentes e quais eram as regras institucionais. Participar da gincana e, principalmente, ganhá-la era muito importante para os alunos. Entretanto, eles tinham poucos minutos para celebrar, porque, após o anúncio da equipe vencedora, os alunos eram os responsáveis pela limpeza de toda a bagunça que restou da disputa (PINTO, 2018, p.60-61). E as festas, denominadas como party, eram umas das soluções encontradas para dar vazão a animação que os jovens eram proibidos de demonstrar na escola.

As primeiras parties eram organizadas por membros de uma mesma equipe e levavam seus nomes. A venda de convites na escola financiava: o aluguel do bufê, a decoração do espaço, a contratação de DJs, a contratação de seguranças privados e a compra de bebidas, alcoólicas e não alcoólicas, para comercialização. Porém, entre 2015 e 2016, as parties ligadas a escola diminuíram. A razão disso é a seguinte: houve a percepção da existência de uma demanda (SANDRONI, 1999, p.160) por esse tipo de atividade. Visando alcançar um público maior, e conseqüentemente aumentar seus rendimentos, as equipes levaram interesses mais abrangentes às festas. Em especial, os conteúdos culturais do funk brasileiro. E a Eclipse Party foi uma dessas equipes.

Após o sucesso da primeira festa, produzida em 2015 em um pequeno bufê, a equipe resolveu aperfeiçoar a organização e melhorar a infraestrutura de seus

eventos. Já na segunda, denominada Eclipse Party 2.0, as tarefas principais foram repartidas entre seus membros e amigos. Os integrantes ficaram responsáveis pela: encomenda dos convites e copos acrílicos, ambos personalizados com o nome da equipe e da festa; contratação de artistas, DJs, e segurança privada; compra de material para decoração e as bebidas a serem comercializadas; gerencia da página de eventos criadas no site Facebook. E os últimos, por seu turno, realizavam as seguintes atividades em troca de convites: divulgação das festas nas redes sociais; e a venda dos convites, entrega aos compradores e do dinheiro a algum membro da equipe (PINTO, 2018, p.59-60).

A formação original da equipe não se manteve entre a primeira e a quarta festa. Os remanescentes, entretanto, já estavam um pouco mais especializados na “*arte de dar bailes*” (SILVA, 1998, p.71). No quinto baile, eles já conseguiam contratar MCs (Mestres de Cerimônias) como a atração principal, alugar um espaço bem maior, nas redondezas do distrito, e aglutinar mais de mil e quinhentos jovens. Os bailes ocorriam uma vez a cada dois ou três meses, período de organização e divulgação, nos finais da tarde de sábado em uma casa de shows no Campo Limpo. Esse é o distrito vizinho do Capão Redondo, que nomeia a Subprefeitura da qual faz parte, junto com o último e o distrito de Vila Andrade.

A localização se manteve até o último baile que participei, a sua edição de celebração do final do ano de 2017. Nesse momento, os eventos da equipe eram um sucesso: juntavam mais de duas mil pessoas; mais de três DJs animavam a festa; no mínimo um MC fazia o show principal da noite; e para ajudar a cuidar do espaço eram contratados até bombeiros. Se fizermos uma conta breve, podemos verificar que os bailes poderiam arrecadar, contanto no mínimo mil e quinhentas pessoas, o valor máximo de setenta e cinco mil reais. Isso pois, vendido em três lotes, o preço do ingresso variava de quinze a vinte e cinco reais e de vinte e cinco a trinta e cinco, para rapazes e moças, respectivamente. Porém, se comprado na porta, o preço subia para cinquenta reais (PINTO, 2018, p.45). E houve quatro importantes elementos que contribuíram para esse sucesso: primeiro, os bailes dialogavam diretamente com os interesses musicais e ideais de lazer compartilhados pelos jovens; os eventos eram espaços nos quais esses sujeitos podiam dar vasão aos seus desejos sem toda uma

possível repressão a família; a realização dos bailes em locais fechados deixava-os mais seguros; e, por fim, os jovens conseguiam pagar por ele (PINTO, 2018, p.103).

A força da equipe Eclipse Party dava-se por meio dos valores de arrecadação cada vez maiores. Além disso, ela criava relações positivas com outras equipes, em geral, cujos integrantes eram amigos ou conhecidos de seus membros. Em conjunto, elas produziam alguns bailes. O mote para esse tipo de evento era a criação de uma disputa: vencia a equipe que levasse o maior número de pessoas. Esses produzidos em um clube noturno ao local onde a Eclipse Party realizava suas próprias atividades. Tudo isso ajudava-a a aumentar seu raio de influência, majoritariamente, por meio das redes sociais, foco central para conquistar cada vez mais público. As relações não eram, somente, com as equipes. Os membros da Eclipse Party participavam também das sociais de família, isto é, encontros diurnos produzidos por grupos de amigos, em casas com piscina, identificados sob um mesmo nome (PINTO, 2018, p.62). A própria equipe não deixava de ser uma família (PINTO, 2008, p.68) Esses eventos baseiam-se nos mesmos conteúdos objetivos e subjetivos dos bailes da Eclipse Party: as ideais do funk brasileiro, por exemplo, o consumo ostentoso de bens e produtos com preços elevados, como, roupas, tênis, bonés, óculos escuros, uísques e vodcas de marcas famosas, sem contar o uso de narguilé; a sexualidade exagerada, de moças e moços; e a jocosidade entre os amigos (PINTO, 2018, p.29).

A animação das sociais, todavia, era feita através de potentes aparelhagens sonoras e o espaço era delimitado pelos muros das casas, concentrando a ação dos sujeitos entorno da piscina (PINTO, 2018, p.62). No baile, por sua vez, a sua área era repartida em distintas áreas: entrada, conferência dos convites, revista para impedir o acesso com drogas, circulação, pista de dança, banheiro, bar e palco (PINTO, 2018, p.53). A programação era dividida entre os DJs até a atração principal, ao final da noite, o espetáculo do MC (PINTO, 2018, p.56). O seu início era marcado pela abertura do portão, geralmente as quinze horas, e o seu final acontecia com a despedida do MC no palco. Igual aos bailes black, é possível definir esse tipo de evento como um espetáculo múltiplo, cujo protagonismo é compartilhado de formas diferentes em diferentes momentos. A partir das minhas observações, posso dizer que os bailes funk juvenis são uma desordem, nos sentidos de amálgama e bagunça

(PINTO, 2018, p.104). E, muito mais, são os ápices de sociabilidades instauradas pela busca por diversão, desde a divulgação da festa nas páginas de Facebook até o final com a divulgação das fotos tiradas no evento, que podem durar pouco ou muito tempo, dependendo dos envolvidos e das consequências das suas ações dentro e fora dos bailes (PINTO, 2018, p.101).

Não há mais a Eclipse Party. Entre 2018 e 2020, período compreendido entre o final da minha pesquisa de mestrado e a escrita do artigo, os integrantes da equipe seguiram caminhos diferentes. Eles decidiram dar atenção aos objetivos individuais: estudar, trabalhar e constituir família. E, aos poucos, a frequência dos bailes diminuiu até deixarem de ser realizados. Todavia, no trecho abaixo, podemos ter um pouco de noção sobre como eles eram vivenciados por seus organizadores e participantes:

Em um primeiro momento o baile aproximava-se de uma balada, onde sujeitos em seus grupos participavam de um evento regado por músicas, bebidas e dança. Nessa parte do evento, a principal atração era o discotecário, qual animava os participantes tocando os grandes sucessos do funk, quando a música era realmente muito conhecida a maioria dos presentes cantavam e dançavam em coro. Com a noite já caída, próximo às vinte e uma horas, começaram os rumores da apresentação do Mestre de Cerimônias (MC). Nesse momento, o convívio entre os indivíduos ligados a seus grupos, o bar, os passinhos de dança e o narguilé coletivamente utilizado, cederam o protagonismo para o palco. Durante a apresentação os convivas apertavam-se na grade que os separavam do palco, cantavam com o MC e gravavam o show com seus telefones celulares. O MC cantava e interagia, chamava as meninas ao palco para dançarem as coreografias, enquanto a plateia participava gritando, cantando e assobiando. Na mesa do discotecário que acompanhava a estrela havia sempre disponíveis garrafinhas com água, vários cascos de dois litros de energético e uísque Red Label. Os telefones celulares eram utilizados também pelo MC. Enquanto cantava, ele gravava a si mesmo e o show, apontando a câmera de modo a enquadrar a sua performance e a ação dos convivas. (PINTO, 2018, p.56)

3. Comparações possíveis

Nesta seção compararei a estratégia a partir dos contextos sociais, situações econômicas e conteúdos culturais dos objetos. Não objetivo esgotar todos os temas. Discutirei, somente, os essenciais à luz dos conceitos apresentados. As perguntas que quero responder são: quais são as semelhanças e dessemelhanças da estratégia no tempo? O que tudo isso diz sobre os jovens, de seus contextos sociais, situações econômicas e conteúdos culturais? E, para alcançar tal intento, procederei a seguinte

forma: listarei semelhanças e diferenças com base nas conceituações para, por fim, responder a última questão.

Semelhanças:

- A estratégia surge a partir da observação de uma demanda não atendida;
- A estratégia é de iniciativa individual e desenvolvida coletivamente;
- A estratégia é elaborada a partir dos conteúdos culturais, subjetivos e objetivos, compartilhado pelos jovens, tendo como ponto fundamental a música;
- A estratégia é colocada em prática a partir das possibilidades dos contextos sociais e das situações econômicas nas quais os sujeitos estão imersos;
- A estratégia tem como fruto serviços e bens de lazer destinado a outros jovens;
- A estratégia tem as mesmas categorias de artistas;
- A estratégia atinge o grupo local e depois a comunidade juvenil interessada;
- A estratégia permite a profissionalização por meio da experiência;
- A manutenção estratégia depende de cinco fatores:
 - a) criação e fortalecimento da rede de ofertantes;
 - b) sofisticação dos serviços de lazer;
 - c) geração crescente da renda disponível dos ofertantes na medida em que vão ganhando as responsabilidades da vida adulta;
 - d) racionalização dos processos de produção dos bens e serviços;
 - e) burocratização dos coletivos ofertantes;
- A estratégia é uma alternativa frágil de geração de renda frente aos empregos formais.

Dissemelhanças:

- A estratégia no movimento black é dos trabalhadores formais;
- A estratégia no movimento Hip-Hop é de estudantes e trabalhadores formais;
- A estratégia no movimento funk é somente de estudantes;
- A estratégia no movimento black é marcada pela identidade racial;

IX Seminário de Pesquisas FESPSP – “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Aplicadas”.

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT 10 - Economia de Plataforma, Reformas Trabalhistas Mundo do trabalho e Juventudes.

- A estratégia no Hip-Hop tem a marca das reflexões a respeito da precariedade, violência e preconceito;
- A estratégia no movimento funk é marcada pela consumação ostentosa;
- A estratégia nos movimentos black e funk é fundada na oferta serviços de lazer pagos;
- A estratégia nos movimentos black e Hip-Hop funda-se em serviços de lazer gratuitos;
- A estratégia nos movimentos black e Hip-Hop também se funda no comércio de bens de lazer;
- A estratégia tem elementos políticos nos movimentos black e Hip-Hop;

Tentar relacionar os jovens, seus contextos, situações e conteúdos recorrendo a dados que não foram disponibilizados, aqui, seria uma trapaça. Então, evitando o uso do recurso, levantarei algumas hipóteses plausíveis a partir dos levantamentos acima. Em seguida, as aproximarei de teorias e informações úteis para tentativas futuras de confirmação ou de refutação delas.

Primeira hipótese: o aproveitamento criativo de elementos objetivos disponíveis é um saber passado de geração a geração juvenil na periferia. Se fôssemos aproximar essa ideia de alguma teoria, poderíamos caracterizá-lo como tática: “*procedimentos que valem pela pertinência que dão ao tempo – às circunstâncias que o instante preciso de uma intervenção transforma em situação favorável [...]*” (CERTEAU, 2014, p.96) a situação desfavorável do “*espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural*” (CERTEAU, 2014, p.41). O que parece, igualmente, uma maneira muito específica dos moradores da periferia para lidar com os seus problemas locais, como pudemos observar com a perspectiva da autoconstrução.

Segunda hipótese: os jovens reelaboram continuamente suas tradições artísticas considerando seus conteúdos culturais. É consenso entre os estudiosos da juventude periférica, principalmente, no tocante as experiências musicais que: o rap e o funk são desdobramentos e traduções globais/locais da black music a partir do progresso das

IX Seminário de Pesquisas FESPSP – “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Aplicadas”.

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT 10 - Economia de Plataforma, Reformas Trabalhistas Mundo do trabalho e Juventudes.

tecnologias, tanto de produção quanto de reprodução audiovisual, e das realidades específicas (SILVA, 1998; VIANNA, 2014; GILROY, 2012; PALOMBINI *et.al*, 2014):

Tanto o *rap* como o *funk*, são originários do *soul*. Este é a junção do *rhythm and blues*, a música profana com a música gospel. Era a trilha sonora dos movimentos civis e símbolo da consciência negra nos Estados Unidos na década de 1960. Ícone importante desse movimento era *James Brown*, com sua frase emblemática: “*Say it loud: I’m black and proud!*” – Diga em voz alta: eu sou negro e orgulhoso. Segundo Tella (1999), o *soul*, o *funk* e o movimento *Black Power* foram de extrema importância para o Brasil, pois os negros estadunidenses desencadearam um processo no qual a diversão dos bailes *black* da década de 1970 só era completa se houvesse a conscientização. (OLIVEIRA, 2016, p.18-20)

Terceira hipótese: os contextos sociais são transformados por complexas relações entre fenômenos macro, entre eles, os desenvolvimentos tecnológicos, econômicos e políticos, que impactam as experiências juvenis. O que se assistiu no país entre 1970 e início dos anos de 1990, período de formação dos movimentos black e Hip-Hop, foi o esgotamento do modelo baseado na industrialização:

O setor de serviços, embora crescente, não chegou a absorver mão de obra no ritmo crescente da demanda. Os empregos do setor terciário diferiam em qualidade dos postos da indústria. Comércio e serviços criam empregos nos extremos da estrutura de renda: por um lado, crescia a demanda por altos executivos, serviços de consultoria, assistência técnica de ponta, operadores do mercado financeiro e pesquisadores qualificados; por outro, multiplicavam-se os serviços de baixa remuneração, como os de faxineiro, auxiliar de escritório, garçom, bem como o de autoempreendedores, um número imenso e que atuava majoritariamente na informalidade. Os empregos desaparecidos na indústria em grande parte de trabalhadores especializados, de remuneração média e [de] difícil recolocação no mercado de trabalho. (ROLNIK, 2017, p.55).

As condições de vida tornaram-se mais instáveis, embora os filhos dos antigos trabalhadores de fábrica tivessem maior facilidade, em relação aos pais, de ingressar: no sistema de ensino e no mercado de trabalho em posições superiores (SILVA, 1998, p.141). Entretanto, entre a segunda metade de 1990 até a primeira metade de 2010, a estabilidade e o crescimento econômico contribuíram para: o aumento do consumo e o barateamento de bens tecnológicos. Dois fatores importantes para o surgimento do movimento funk brasileiro (PEREIRA, 2015, p.06) e do aumento das possibilidades dos grupos de rap:

IX Seminário de Pesquisas FESPSP – “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Aplicadas”.

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT 10 - Economia de Plataforma, Reformas Trabalhistas Mundo do trabalho e Juventudes.

No início dos anos 1990, somente grandes gravadoras e equipes de baile tinham recursos financeiros para produzir e gravar um disco de rap. Na segunda metade dos anos 1990, rappers com Thaíde & DJ Hum e Racionais MCs começaram a abrir selos independentes, como o Brava Gente e o Cosa Nostra. Na segunda metade dos anos 2000, a produção e, posteriormente, gravação de um disco de rap estaria totalmente alocada em microcomputadores pessoais e estúdios caseiros. *Pari passu* a isso, a rede mundial de computadores – internet – tornou-se o espaço por excelência de promoção, venda e divulgação de artistas novos e ausentes de grandes recursos financeiros ou capital social. Esse processo foi também impulsionado pelo advento da música digital e o surgimento de sites como o Youtube. (MACEDO, 2016, p.46-47).

É necessário também salientar o contexto de crescente violência na periferia entre o final de 1980 e início dos anos 2000. Especialmente, os homicídios dolosos motivados por: vinganças, justiças pelas próprias mãos, associação entre grupos de criminosos e policiais, e grupos de extermínio da polícia (SILVA, 1998, p.156). O que se alterou com a escalada do Primeiro Comando da Capital e mudanças das políticas de segurança pública a partir do final da primeira metade dos anos 2000 (FELTRAN, 2010, p.63). E é possível observar essa transformação através da análise dos objetos, a violência policial é uma questão para o movimento Hip-Hop, enquanto os bailes funk são realizados em locais fechados para diminuir o risco da violência. No último caso, todavia, a busca por segurança está ligada aos assaltos de oportunidade realizados nas vias públicas da região por motoqueiros armados:

Para entender a festa eu também participava dela, não ficando somente parado, ou à procura dos melhores lugares para a observação. Eu ia para a frente do palco, bebia um pouco, ria ao som das músicas mais engraçadas, ensaiava alguns passos com os ombros e conversava com os meus conhecidos de forma mais aberta, fazia piadas e recordávamos os ciclos letivos passados juntos. A minha diversão na festa misturava-se com minha sentimental curiosidade em saber os caminhos trilhados por meus ex-alunos, conhecer o que faziam após terminarem o ensino secundário. A alegria do baile, entretanto, contrastava com os nossos receios em voltar para casa, porque o número de assaltos, principalmente o roubo de telefones celulares, é grande na região, e os bailes acabavam entre as vinte e três horas e meia-noite, começando as dezesseis horas e sempre aos sábados, porém, não impedia a animação dos jovens dentro dos ônibus. (PINTO, 2018, p.13)

Diante de tudo o que foi exposto acima, podemos levantar uma quarta hipótese: os jovens são agentes transformadores de situações econômicas, contextos sociais e conteúdos culturais. A agência, todavia, é limitada pela realidade local e por processos

IX Seminário de Pesquisas FESPSP – “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Aplicadas”.

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT 10 - Economia de Plataforma, Reformas Trabalhistas Mundo do trabalho e Juventudes.

complexos, de longo ou curto prazo, fora de alcance dos sujeitos. Porém, o que isso significa? Observando a história da periferia e a dos objetos investigados, podemos entender que, apesar das melhorias da realidade nas regiões marginais da cidade de São Paulo, uma série de precariedades persistem e impactam os modos de vida da sua população. Dito de outro maneira, utilizando os exemplos estudados, a juventude periférica teve o seu poder de ação aumentado, entretanto, a própria persistência da estratégia é um sinal da continuidade de problemas como: falta de espaços de lazer, sejam eles, públicos ou privados; dificuldade de entrar no mercado formal de trabalho; baixo rendimento em relação ao necessário para a sobrevivência, profissionalização e educação; baixa segurança pública etc. E o que isso nos diz em relação ao trabalho científico com essa população? Nos diz que para entendê-los é preciso considerar: as conexões entre passado e presente: processos locais e globais; e, muito importante, as principais conexões entre eles.

Referências Bibliográficas:

ARIÉS, Phillipe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34; Edusp, 2000.

DAYRELL, Juarez. *A escola “faz” as juventudes? Reflexões entorno da socialização juvenil*. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia empírica do lazer*. 3ª edição – São Paulo: Perspectiva; SESC, 2008.

DURHAM, Eunice. *A dinâmica da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

FÉLIX, João Batista de Jesus. *Chic Show e Zimbábue e a construção da identidade nos bailes black paulistanos*, 2000. Dissertação de mestrado em Antropologia Social, São Paulo, USP.

FELTRAN, Gabriel de Santis. *Crime e castigo na cidade: os repertórios da justiça e a questão do homicídio nas periferias de São Paulo*. *CADERNO CRH*, Salvador, v. 23, n. 58, p. 59-73, Jan./Abr. 2010

IX Seminário de Pesquisas FESPSP – “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Aplicadas”.

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT 10 - Economia de Plataforma, Reformas Trabalhistas Mundo do trabalho e Juventudes.

FÉLIX, João Batista de Jesus. *HIP HOP: CULTURA E POLÍTICA NO CONTEXTO PAULISTANO*. 2005. Tese e doutorado em Antropologia Social, São Paulo, USP.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro*. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2012.

HOLSTON, James. *Cidadania Insurgente: disjunções da democracia e da modernidade no Brasil*. 1º Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MACEDO, Marcio. *Hip-Hop SP: transformações entre uma cultura de rua, negra e periférica (1983-2013)*. In. FRUGOLI, Heitor, KOWARICK, Lúcio. *Pluralidade Urbana em São Paulo: vulnerabilidade, marginalidade e ativismo*. 1º Edição. São Paulo: Editora 34, 2016.

MAGNANI, José G.C. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. 3º Edição – São Paulo: Hucitec/UNESP, 2003.

MOUTINHO, Laura. *Diferenças e desigualdades negociadas: raça, sexualidade e gênero em produções acadêmicas recentes*. cadernos Pagu (42), janeiro-junho de 2014:201-248.

NERY, Marcelo Batista, SOUZA, Altay Alves Lino, ADORNO, Sérgio. *Os padrões urbano-demográficos da capital paulista*. Estudos Avançados. 33 (97), 2019. pp. 07-36.

NORONHA, Eduardo G. *“Informal”, ilegal, injusto: percepções do mercado de trabalho no Brasil*. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol.18 nº. 53 outubro/200.

NOVAES, Regina. *Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias*. In. ALMEIDA, Maria Isabel, EUGENIO, Fernanda. *Culturas juvenis: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

OLIVEIRA, Sidnei Rocha, PICCININI, Valmiria Carolina. *Mercado de trabalho: múltiplos (des)entendimentos*. Revista de Administração Pública. Rio de Janeiro 45(5):1517-538, Set./out. 2011.

OLIVEIRA, Elaine. *Rap contestação e funk ostentação: consumo e discursos sonoros na periferia*. Araraquara: Unesp. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais, 2016.

PAIS, José Machado. *Buscas de si: expressividades e identidades juvenis*. In. ALMEIDA, Maria Isabel, EUGENIO, Fernanda. *Culturas juvenis: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

PALOMBINI, Carlos. *A era Lula/Tamborção, política e sonoridade*. Revista institucional de Estudos Brasileiros, São Paulo, nº56, junho, 2014. pp. 157-207

IX Seminário de Pesquisas FESPSP – “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Aplicadas”.

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT 10 - Economia de Plataforma, Reformas Trabalhistas Mundo do trabalho e Juventudes.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. *Muitas palavras: a discussão recente sobre a juventude nas Ciências Sociais*. *Ponto Urbe* [Online], 1 | 2007, posto online no dia 30 julho 2007, consultado o 01 maio 2019. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1203>; DOI : 10.4000/pontourbe.1203

PEREIRA, Alexandre. *Funk ostentação em São Paulo, imaginação, consumo e novas tecnologias da comunicação e da informação*. *Revista de Estudos Culturais da Escola de Artes e Ciências Humanas de São Paulo*, 2015. s/n

PINTO, Felipe de Souza. *Entre sociais, rolês, parties e bailes: uma etnografia dos entretenimentos juvenis no Capão Redondo*. Dissertação de Mestrado Unifesp - Guarulhos, SP: 2018.

PORTAL DO GOVERNO. *Paz: CDHU realiza evento em prol da paz no Jardim Santo André*. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/paz-cdhu-realiza-evento-em-prol-da-paz-no-jardim-santo-andre/> . Acesso em 05/11/2020.

ROCHA, Francisco. *Figurações de ritmo: da sala de cinema ao salão de baile paulista*. São Paulo: USP. Tese de doutoramento em história, 2006.

ROLNIK, Raquel. *Territórios em conflito. São Paulo: espaço, história e política*. São Paulo: Editora Três Estrelas, 2017.

SANDRONI, Paulo (Org). *Novíssimo dicionário de economia*. São Paulo/SP: Editora Beste Seller, 1999.

SIMMEL, George. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SILVA, Darlene, SILVA, José Carlos G.S. *Rolêzinhos: sociabilidades juvenis, discriminação e segregação urbana*. *Revista Pensata*. Volume 3, número 2, 2014.

SILVA, José Carlos G.S. *Rap na cidade de São Paulo: música, etnicidade e experiência urbana*, 1998. Campinas: UNICAMP. Tese de doutoramento em Antropologia, 1998.

SILVA, José Carlos G.S. *Rap, a trilha sonora do gueto: um discurso musical no combate ao racismo, violências e violações aos direitos humanos na periferia*. Texto apresentado no colóquio *Culturas Jovens Afro-Brasil Américas: Encontros e Desencontros*, realizado entre 10 e 13 de Abril de 2012. Evento organizado pela Faculdade de Educação da USP.

SILVA, José Carlos G.S. *Do Hip-Hop ao sarau da Vila Fundão: jovens, música e poesia na cidade de São Paulo*. *Cadernos de Arte e Antropologia*, n° 2/2012, pag. 39-54.

IX Seminário de Pesquisas FESPSP – “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Aplicadas”.

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT 10 - Economia de Plataforma, Reformas Trabalhistas Mundo do trabalho e Juventudes.

TURNER, Victor W. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. 2º Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

TURNER, Victor W. *Do ritual ao teatro: a seriedade humana de brincar*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

VIANNA, Hermano. *O mundo funk carioca*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2014.